

Nacional

CONVERSA AO PÉ DO RÁDIO

Califórnia do Brasil e violência nas fábricas, no discurso de Sarney

O presidente José Sarney pregou uma "reação nacional" contra o que ele chamou de "fatos indubitavelmente fora da lei", por meio da Conversa ao Pé do Rádio, transmitida na última sexta-feira. Referindo-se às últimas greves, ele disse estar "profundamente impressionado com a permissividade que se está convivendo dentro da sociedade com a violência". Ele citou nominalmente as "invasões de fábricas por mascarados".

Utilizando expressões como "vandalismo" e "conduta impossível", Sarney advertiu que "isso é o começo do desmoronamento do estado de direito".

Apesar do ataque, reservado para o final da conversa, a maior parte da transmissão foi ocupada com promoção de suas obras do governo. A inauguração da ferrovia Norte-Sul, no Maranhão, e a implantação do pólo petroquímico, no Rio de Janeiro, foram os destaques da fala presidencial.

Definindo a ferrovia como a "Califórnia do Brasil", Sarney chamou a atenção para os baixos custos da obra, segundo ele mais barata do que uma estação do metrô.

O pólo, em Itaguaí, gerará 25 mil empregos, assegurou o presidente, e garantirá uma arrecadação tributária de US\$ 370 milhões.

Abaixo, os principais trechos de Conversa ao Pé do Rádio:

Brasileiras e brasileiros, bom dia. Aqui vos fala o presidente José Sarney, em mais uma Conversa ao Pé do Rádio, como sempre faço todas as sextas-feiras. Hoje, dia 7 de abril de 1989.

Estou em Imperatriz, no sul do Maranhão, limite com Goiás, região dinâmica e rica, construída em sua grande maioria pela vida de emigrantes de todas as partes do País. E hoje a maior cidade do interior da Amazônia e tem uma economia extremamente forte. E vim aqui para um ato histórico. Inaugurar o primeiro trecho da ferrovia Norte-Sul, a estrada da integração nacional, sonhada há mais de cem anos, incluída nos planos nacionais de viação férrea e, somente agora, no meu governo, concretizada.

Devo dizer que nacionalmente formou-se uma campanha contra essa estrada. Dizia-se que ela não tinha viabilidade econômica, como aconteceu com a Belém-Brasília, que foi chamada estrada das onças. A Norte-Sul, dizia-se que somente ia levar uma passageiro: o presidente José Sarney. Pois bem, 30 mil toneladas de grãos estão à beira dessa estrada, já hoje, esperando transporte para o porto de Itaguaí e mais de 600 mil toneladas de soja, milho e arroz estão à espera de transporte para este ano.

Essa estrada abrirá, sem dúvida, o caminho para que essa região seja aquilo que temos dito muitas vezes: a Califórnia do Brasil com um potencial de produção extraordinário. O custo da estrada é bem mais barato do que muitas outras obras nacionais. Uma estação do metrô custa o mesmo que custa esse trecho; a dragagem do rio Fiete, em São Paulo, custa talvez mais do que o conjunto total da estrada. O passivo que nós tivemos que arcar com o BRDE pagaria toda a Norte-Sul. Portanto, se vê que esta obra, barata, atende a uma aspiração nacional das mais necessárias e das mais imediatas.

Esta, portanto, é uma viagem histórica. Tem uma significação muito grande e todo o povo desta região está realmente empolgado com as novas perspectivas que se abrem com a Norte-Sul. Quero dizer que na quarta-feira, dia 5, eu estive em Itaguaí, no Rio de Janeiro, para presidir a implantação do pólo petroquímico, um projeto destinado a promover o renascimento econômico do velho e querido Rio de Janeiro que o Brasil inteiro ama e que agora terá meios de recuperar-se e reabilitar-se economicamente depois de uma fase difícil.

Basta dizer que durante a implantação do pólo serão gerados 25 mil empregos. Vejam bem a boa hora em que chega o pólo petroquímico. O Rio de Janeiro passa a oferecer 25 mil novos empregos a seus trabalhadores. Quando o presidente Vargas lançou a obra pioneira que foi Volta Redonda, a capacidade da siderúrgica era de 600 mil toneladas. Juscelino Kubitschek, quando estabeleceu seu Plano de Metas, tinha como objetivo o Brasil produzir 1 milhão de toneladas

de aço por ano. E o nosso País cresceu de tal maneira que, durante o meu governo nos já produzimos mais 3,8 milhões de toneladas de aço, produção incorporada durante o período do presidente Sarney. E todos nós hoje já achamos que isto é uma coisa nor-

mal. Assim vão acontecer com o Pólo de Itaguaí. Começa como um pólo, com uma produção já bastante razoável, com investimentos de mais de US\$ 2 milhões. Mas dentro de alguns anos será a fonte da modernidade da economia do Rio. Quando completado no seu conjunto, apresentará um faturamento de US\$ 2,5 bilhões, devendo gerar uma arrecadação tributária de US\$ 120 milhões para o governo federal e de US\$ 250 milhões para o governo estadual.

Na quarta-feira, viajando de Brasília para o Rio, despachei, no avião, com o ministro da Indústria e do Comércio e determinei, de logo, a convocação do Conselho de Desenvolvimento Industrial, para a aprovação, no prazo de noventa dias, de doze projetos para o Pólo Petroquímico do Rio de Janeiro. Também em Itaguaí assinei o contrato de ampliação do terminal de minérios de Sepetiba, que será uma alternativa para o porto do Rio de Janeiro, que não tem condições de operar exportação de minérios, produtos siderúrgicos, etc.

A previdência social já realiza ali, em média, cerca de 84 milhões de atendimentos médicos e odontológicos e eu tive a coragem e o desprendimento de transferir aos governos estaduais, numa operação que é de difícil aplicação, o problema da previdência social através do SUDS.

Devo lembrar também que foi no meu governo que o Estado do Rio passou a receber os "royalties" do petróleo e também que tive a oportunidade de resgatar a dívida que restava para com os municípios fluminenses do tempo da fusão. Apoiamos a fundação Osvaldo Cruz, o Centro Nacional de Supercomputação e distribuímos bolsas de estudo no Rio de Janeiro para cerca de 2 mil alunos que estudam no exterior e 21 mil bolsas para a formação de recursos humanos no estado.

Como eu disse ao povo do Rio de Janeiro, é fácil chegar e dizer: "Vamos resolver isso". Difícil é resolver, difícil é ter a coragem... Esse problema é difícil de resolver, vamos trabalhar para resolve-lo.

Finalmente, esta semana está marcada por dois grandes acontecimentos, pioneiros na história econômica do nosso País, simbólicos eles. A inauguração da Norte-Sul, que já a partir de amanhã vai começar a operar atendendo a esta região de Imperatriz, que só faltava ter transporte, por que o mais já tem, que é boas terras, o trabalho do

homem, produção e vontade de se desenvolver. O outro fato, como eu referi, é o Pólo Petroquímico do Rio de Janeiro, que vai mudar a face econômica do Rio de Janeiro e abrir novas perspectivas a esta grande cidade que, durante tantos anos, prestou ao Brasil grandes serviços, como a sua capital, a sua capital cultural que ainda o é, e também como centro irradiador daquilo que é o sentimento do povo brasileiro.

Finalmente, devo dar uma palavra sobre a situação nacional. Eu estou profundamente impressionado com a permissividade que se está convivendo dentro da sociedade com a violência. Tanto lutamos pelo estado de direito, estado de direito que é o estado da lei. Pois bem, diariamente ouvimos e lemos notícias sobre invasões de fábricas por mascarados. Cortam-se torres de transmissão, quebram-se centenas de ônibus, quebram-se trens, agride-se a propriedade furando pneus, não se permite a liberdade de trabalho e tudo isso através de um grupo invocando que é um direito. E se ouve isto, se testemunha estes fatos, como se fossem coisas normais. É impossível essa conduta. Devemos alertar o povo brasileiro que esse nunca foi o sentimento deste País. Tem que haver uma reação nacional, porque isso é o começo do desmoronamento do estado de direito. Só a lei assegura a paz, o progresso, a liberdade. Não é a violência. E esses fatos são indubitavelmente fatos fora da lei. Num ano em que cumprimos o processo da transição, não é possível que se queira ter um plano de talar o progresso, tumultuando-o com atos de vandalismo. A democracia é construída dentro do debate livre, dentro de exercício do direito de cada um, que termina onde começa o direito dos outros.

E este o meu apelo sincero e patriótico, de quem deseja a normalidade e a consolidação das práticas democráticas.

Finalmente, minha mensagem de fé em nosso País, como fiz em Itaguaí, reafirmo agora, hoje temos menores dificuldades de que nossos pais, nossos filhos terão menores do que nós temos e nossos netos terão menores ainda do que nossos filhos. Por que? Porque o Brasil caminha forte, de passo firme para o seu grande destino e para o seu grande futuro. Muito obrigado e bom dia".

F
v
3C
la
de